Carlos Drummond de Andrade — As identidades do poeta

De manhã pergunto:

Com quem se parece Fernando Pessoa?

Com seus múltiplos eus, expostos, oblíquos em véu de garoa?

Com tripulantes-máscaras de esquiva canoa?

Com elfo imergente em frígida lagoa?

Com a garra, a juba, o pelo amaciado de velha leoa?

Quem radiografa, quem esclarece Fernando Pessoa, feixe de contrastes, união de chispas, aluvião de lajes figurando catedral ausente de cardeais, com duendes oficiando absconso ritual vedado a profanos?

Que sina, frustrado destino, foi a coroa desse Pessoa, morto redivivo, presentifuturo no céu de Lisboa?

Que levava (leva) no bolso Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa: irônico bilhete de identidade, identity card válido por cinco anos ou pela eternidade?

Que leva na alma: augúrios de sibila,

Portugal a entristecer, a desastrosa máquina do universo?

Fernando Pessoa caminha sozinho pelas ruas da Baixa, pela rotina do escritório mercantil hostil ou vai, dialogante, em companhia de tantos si-mesmos que mal pressentimos na seca solitude de seu sobretudo?

Afinal, quem é quem, na maranha

Que levava (leva) no bolso Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa: irônico bilhete de identidade, identity card válido por cinco anos ou pela eternidade?

Que leva na alma: augúrios de sibila,

Portugal a entristecer, a desastrosa máquina do universo?

Fernando Pessoa caminha sozinho pelas ruas da Baixa, pela rotina do escritório mercantil hostil ou vai, dialogante, em companhia de tantos si-mesmos que mal pressentimos na seca solitude de seu sobretudo?

Afinal, quem é quem, na maranha de fingimento que mal finge e vai tecendo com fios de astúcia personas mil na vaga estrutura de um frágil Pessoa? Quem apareceu, desapareceu na proa de nave-canção e confunde nosso pensar-sentir com desconforto de ave poesca e doçura de flauta de Pã?

À noite divido-me: anseio saber, prefiro ignorar esse enigma chamado Fernando Pessoa.

Carlos Drummond de Andrade, Farewell